



Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

CHEGA agora ao fim o ano em que se completaram 125 anos sobre o nascimento de Pai Américo. Dentro da azáfama da vida, procurámos lembrar esta data, fazendo um conjunto de postais ilustrados com a inscrição de pensamentos seus; em Coimbra, D. António Marcelino reflectiu-o como alguém que foi precursor do Concílio Vaticano II, e editámos, também, um conjunto de capítulos sobre a sua Vida e Obra, em banda desenhada.

Esta publicação foi saindo em quinzenas alternadas, até chegar ao capítulo 14 que acompanha este número d'O GAIATO, o qual a encerra. Foi fruto do trabalho de dois profissionais de banda desenhada que dão o seu nome à estampa no frontispício de cada capítulo, com um acompanhamento muito próximo da nossa parte. Os nossos Rapazes colaboraram na expedição, intercalando um a um, nos milhares de exemplares do nosso Jornal, os pequenos volumes.

Para o futuro, fica em aberto a possibilidade de uma publicação a cores e num só volume de toda esta obra.

É sempre pouco o que fazemos para avivar a memória de Pai Américo ou dá-lo a conhecer àqueles que nasceram em anos mais recentes e que, por esse motivo, não tiveram qualquer contacto com os frutos da sua vida. Esta última, é uma tarefa que a vida vivida em cada dia vai exercendo, mas que não dispensa outras formas de comunicação, como as nossas tradicionais Festas, apesar da sobrecarga dos nossos trabalhos diários.

Muitos Amigos e admiradores de Pai Américo e de sua Obra, no correr natural da vida, vão-se juntando a ele na Casa do Pai. Em vida beberam intensamente a sua mensagem, resultante da fome e sede de justiça que o consumia: «Dar a mão». Um dar que é total — dar e dar-se — é o despojamento que conduz à liberdade perante a vida e o mundo.

Para os que continuam a sua viagem no tempo, cabe-nos manter acesa esta luz na nossa vida, sem desfalecer perante a rejeição ou indiferença, tão fortes nos nossos dias, fazendo-a brilhar para que ilumine quem leva o seu coração desanimado

perante os problemas intermináveis do quotidiano ou vá convencido nas suas ilusões.

Aquela «extraordinária luz» que Pai Américo tinha, para descobrir no Pobre abandonado o rosto de Deus, como bem percebeu o autor da Oração para a sua glorificação, é a luz que a nossa Obra há-de continuar a irradiar, para ajudar a converter e a mudar a vida para os seus caminhos de verdade.

A vida é muito mais do que um simples «Gosto»; não se ganha pelo gostar mas pelo amar, imperativo que conduziu a vida de Pai Américo desde que abandonou os seus anos perdidos, e a orientou para seguir, não o doce Rabi da Galileia, mas Jesus Cristo crucificado nos Pobres dos caminhos. □



Na entrega de uma casa do Património dos Pobres. Há mais alegria em dar...

MOÇAMBIQUE Padre Zé Maria

HOJE celebra-se o Dia da Paz. A 4 de Outubro, em Roma, as partes beligerantes assinaram o acordo. Afinal, até hoje, passados vinte e um anos, ainda não foi implementado e está difícil o entendimento. Parece que muita teimosia de parte-a-parte. Crê-se que não se volta às armas, embora tenha havido uns ameaços. As vítimas que sobreviveram, pedem a intervenção de Deus.

Hoje, apareceram-nos, aqui, cinco rapazes cansados da guerra. Vivem nas ruas da cidade, sem tecto nem roupa.

Maltratados por polícias e outros da sua laia, mais velhos, que lhes apanham a receita do dia. Descalços e sujos, nos andrajos, na alma e no corpo. Não é só uma arte para inspirar compaixão. É o seu modo de ser na rua. Desprezados e sem amor próprio, porque não sabem o que é.

Já Cristo ia assim a caminho do Calvário, com a abissal diferença porque, como dizia Pai Américo, «pisava as pedras do caminho com o coração».

Foi na hora da refeição e, conforme vieram, sentaram-se à mesa com os demais. Depois, foi o interrogatório. Três deles têm pai que não merece o nome de pai, como damos ao nosso. Muito menos como damos a Deus e, no entanto, temos de reconhecer neles a Sua imagem. «Estava nu e com fome, era peregrino e recolheste-Me».

Estamos aqui para isso. Passamos os mesmos tratos na rua, quando andamos a pedir para eles. As mesmas amarguras por não termos o necessário, a mesma compaixão pelos que não prestam ouvidos às nossas súplicas. Nem eles nem nós somos «deste» mundo.

Continua na página 3

MALANJE

Padre Rafael

DEPOIS de preparar tudo para celebrar a Missa, sentei-me no banco junto ao crucifixo. Entretanto, apareceu o Barrigas e sentou-se junto a mim. Enquanto observava Cristo, perguntou-me quem O havia pregado. Não duvidei em responder-lhe que uns homens muito maus. De novo me perguntou se já fora há muito tempo, pois sempre que entrava na Capela O via assim. Respondi-lhe, sorrindo, que já tinha sido há muitos anos, desde o tempo em que construíram a Capela. Não satisfeito com a resposta continuou o seu discurso e perguntou porque não O despregava de uma vez. Então, não tardei em perguntar-lhe porque queria despregar Jesus. «Pois, para brincarmos juntos, porque está muito triste...», respondeu.

A Mãe natureza elegeu o dia 4 de Setembro para despedir o tempo seco. Era de noite quando nos despertou a chuva, golpeando o telhado da Casa-Mãe. No dia seguinte, a chuva chegou durante a tarde e recordámos o aroma da terra molhada. Muitos Rapazes não resistiram em receber a chuva dançando e gritando no meio dela.

Há dias, chegou uma mamã a pedir trabalho, pois queria juntar algum dinheiro para tratar do passaporte da filha. Aconteceu que, quando bebé, um candeeiro caiu na cama e incendiou a cabana. Uns velhinhos conseguiram retirar a filha, mas já havia sofrido grandes queimaduras. Recentemente, o Governo ter-lhe-á dito que há uma ONG alemã que tem um projecto para tratar destes casos de saúde, mas tem de ter passaporte.

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

VESTIA de preto e esperava por mim há dois dias. Esteve de véspera e não me viu, voltou no dia seguinte logo de manhã. Foi o Hélio quem interveio e me procurou, logo ao chegar a Casa: — *Está ali uma mulherzinha muito doente. Já esteve ontem e aguarda-o desde manhã.*

Gosto muito que este rapaz se meta nas aflições dos Pobres. Não por ser o meu fiel secretário, mas pela sua dedicação, sem limites, a todos os problemas em que me envolvo.

Era tarde. Há muito que os rapazes tinham almoçado e eu regressava ansioso e à espera de alguma compensação. A carne é fraca.

Refilei, sem razão, com o rapaz:

— *Ainda agora entrei em Casa e já me vens com os Pobres?!...*

— *Olhe, eu vi-a ontem e hoje*

toda a manhã. Não me contive e perguntei. Ela tem um ar de tão doente!

Como o Hélio me dá lições.

Sinto-me sem direito a comer e, mais ainda a descansar. A fisioterapia rouba-me cinco manhãs todas as semanas. Rebenta com as minhas forças, esgota-me.

— *Olhe, atenda-a se quiser, eu fiz o que achei ser meu dever. O senhor faça o que entender!* — E foi-se da minha vista.

Uma boa reprimenda, disse em silêncio para os meus botões. *Toma lá que já almoçaste!...*

Verdadeiramente, um servo não deve primeiro servir o seu senhor? Não era a pobre, que me aguardava, o meu senhor? Como é grande a minha fraqueza!

O Hélio ajudou-me a vencer a fome, o cansaço e o enfartamento contínuo que a multidão dos Pobres me provoca. Caí em

mim e dei-lhe razão. Agradecei a Deus o ter posto este rapaz no meu caminho e na minha ajuda, ganhando então alegria para atender a pobre.

— *Então, diga lá!* — enquanto abria a porta do escritório.

— *É o senhor padre.* — disse humildemente.

— *Sim, sou eu. Venha cá.*

A mulher parecia uma sombra! Anémica, cambaleante, a falar baixinho, de rosto apagado, com ar de quem arrasta uma cruz insofrível.

Sentei-a junto de mim para a ouvir melhor. Desaparecera a fome, o cansaço e o nojo!... Tudo agora era o Senhor que me consolava com as suas dores: doenças do marido, doenças dela, receitas médicas por aviar, meses e meses de rendas de casa em atraso! Um mundo vasto de intransponíveis

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

BIBLIOTECA — Na nossa carpintaria fizemos estantes para agrupar os livros nos devidos lugares, onde cada coluna tem uma letra e em cada fila um número, sendo cada livro numerado pela posição na prateleira, para melhor pesquisa quando o bibliotecário vai fazer a requisição no computador.

A nossa biblioteca vai crescendo devido aos livros que temos encontrado nas nossas arrecadações e antigas salas de estudo.

ESCOLA — Nesta altura começamos a faina dos testes. Os rapazes preocupam-se em estudar para que tenham boas notas no 1.º Período. Mas também há sempre aqueles que não se preocupam em estudar, e é óbvio que tiram más notas.

Para os estudantes todos aconselhamos que estejam atentos nas aulas, tirem os apontamentos para melhor estudo, e assim poderem resolver melhor os trabalhos de casa e tirem boas notas nos testes.



ANIVERSÁRIO — O nosso Pai Américo, cujo nome completo é Américo Monteiro de Aguiar, fará 126 anos no dia 23 deste mesmo mês, tendo o Pai Américo, até ao seu falecimento, feito tudo o que pôde para ajudar os mais carenciados e, também, a sua Obra, onde fundou várias Casas, tendo sido a primeira a de Coimbra.

Na nossa Casa vamos festejar o aniversário, cantando os parabéns com alegria ao nosso Pai.

ABELHAS — Na nossa mata apanhámos, este ano, um enxame na colmeia que lá temos para essa finalidade. Depois, será levada para o pé das outras colmeias, para que as abelhas nela produzam o mel.

Também o Sampaio vai-nos dar o mel que saiu das outras nossas colmeias, para o consumirmos cá em Casa. O nosso mel é uma especialidade.

Bruno Alexandre

DESPORTO — «*Já não sabemos o que havemos de comer*». Foi assim que um casal respondeu a Pai Américo quando ele os visitou e os encontrou com uma série de listas de menus à sua frente. A fartura! Razão tinha Padre Carlos quando dizia: «*Deus nos livre da fome e da fartura em excesso*».

Pois muito bem. «*Não é por morrer uma andorinha que acaba a Primavera*». Também o nosso Grupo Desportivo não acabará, se Deus quiser, pelo simples facto de este ou aquele já não dar valor à sua própria identidade; não se querer identificar com a camisola que tantos e tantos vestiram e hoje ainda gostariam de vestir. É sempre assim: Só quando já não temos é que gostávamos de ter, porque a fartura já não abunda e não temos tudo aos nossos pés.

A ilusão leva muita gente a trocar o certo pelo incerto; e a fraqueza... por vezes, dá ouvidos à instabilidade e destruição — influências!

Neste momento, estamos a tentar formar a equipa dos mais novos, para podermos ter, novamente, uma equipa a sério, para levar o nosso bom nome por esses campos de futebol. Não vai ser fácil, mas tudo faremos para que isso aconteça e eles ganhem gosto em representar o nosso emblema, a nossa Casa, a nossa Família e não o emblema de uma outra equipa qualquer.

Trocar a nossa equipa por uma desconhecida, pode muito bem servir de precipício... Hoje, é frequente ouvirmos dizer àqueles que por aqui passaram: «*que saudades e que tempos...*»; vamos continuar a ouvir a mesma coisa, um dia mais tarde, àqueles que ainda aqui permanecem, com uma diferença: uns com verdade, outros, para «*inglês ver*».

Vamos dar o pontapé de saída com esta equipa em formação num jogo onde começou a nossa Obra: Miranda do Corvo. Pai Américo, lá do Alto, há-de ver e sentir, com lágrimas por um lado e por outro, há-de sorrir por verificar que, afinal, ainda tem filhos que passam das palavras aos actos e sentem prazer em representar o seu clube preferido; que ele tanto gostava de ver jogar no nosso campo de futebol.

Padre Manuel Mendes foi peremptório a dizer que sim; como neto e filho de um filho da Obra, sabe dar o devido valor a estas andanças. O resultado não interessa, mas vai ser muito importante o nosso convívio em Miranda do Corvo.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

BENS ALIMENTARES — De vez em quando, calha-nos ir buscar peixe (apreendido) à Guarda Fiscal, na Figueira da Foz. Mais vezes, chegam-nos cabazes de peixe, através de amigos de Vila Seca. Muito obrigado!

CONSULTAS — Foram retomadas as consultas de Medicina Dentária, em Celas, no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Todos os Rapazes são acompanhados no Centro de Saúde (vacinas, etc.) e em consultas no Hospital Pediátrico e

no Hospital Universitário de Coimbra. Agradecemos todas as atenções. Está-se a tentar resolver a questão das taxas moderadoras.

AGROPECUÁRIA — Com as chuvas de Outono, o couval plantado tem beneficiado e está mimoso. Estreámos a capinadeira na limpeza das ervas daninhas dos nossos olivais, na vessada e nas terras *do poço novo e dos grilos*. Começaram-se a apanhar as espigas de milho nos campos. O pequeno tractor, antigo, precisou de uma bateria nova. As

noqueiras têm dado nozes, que têm sido apanhadas. O borrego que nos deram morreu. Compraram-se vinte frangos na feira de Miranda, a 2 de Outubro. Limpou-se parte do quintal do nosso Lar do Gaiato de Coimbra.

CONCERTO — A 11 de Outubro, sexta-feira, pelas 21.30h, houve um concerto — *Música Maestros!*, com entrada livre, dedicado à nossa Casa do Gaiato, no Pavilhão Centro de Portugal, em Coimbra, com a participação de vários maestros dessa cidade. Bem-hajam! □

MOÇAMBIQUE

Félix Luís

O nosso Armando Ubisse sentia-se muito mal por ter perdido 80% da sua audição, causada por efeitos colaterais a um tratamento de Tuberculose. Agora, com o apoio de uma voluntária (espanhola) Psicóloga começa a comunicar com todos através da *Língua de Sinais* e, todos os dias, nós temos 10 minutos de aula com o Armando. Segundo a nossa Pedagogia, ele aprende e ensina-nos.

O tempo para desfrutar do desporto não pode faltar. No fim-de-semana um grupo de 8 rapazes sai para aulas de música, outros 15 para o desporto de Orientação e 25 para o Campeonato Escolar. Neste fim de

ano lectivo, onde o cansaço atrapalha e a responsabilidade pelos estudos é maior, temos que aproveitar todos os momentos.

Dentro do programa das comemorações do Dia Internacional do Turismo, tivemos uma palestra sobre o impacto do turismo no nosso País, proferida pelo Director Provincial do Turismo e 30 rapazes tiveram um passeio à Barragem dos Pequenos Libombos, guiada pelo Director da Barragem. O nosso muito obrigado.

Estamos conscientes das dificuldades que todos nós vivemos. Acompanhamos semanalmente as visitas

que o nosso pai tem feito, a fim de garantir o necessário para a nossa manutenção. O nosso obrigado a todos que se têm aproximado com a sua resposta positiva. *O pouco com Deus, é muito; e o muito sem Deus, é nada.*

Depois de quase 2 anos a ter que andar mais de 20 km por uma estrada em péssimas condições, hoje abrem o acesso pela ponte, em que fizeram uma recuperação quase de raiz. Os nossos carros estão em péssimas condições e resta, agora, pedir a Deus que algum doador nos apoie, pois não temos como recuperar as nossas viaturas. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Realizámos o nosso encontro/convívio de Setembro, conforme o planeado, no dia 15. Esteve presente um número representativo da nossa associação. Há presenças que são já habituais nestes encontros, mas estiveram também algumas caras novas, o que muito nos animou.

Por imperativos de relacionamento com a comunidade de Vila Nova do Ceira, houve necessidade de adaptar o programa. Assim, depois de nos reunirmos no largo da igreja, deslocámo-nos para o Museu Lagar. Inicialmente tivemos oportunidade de visualizar um vídeo que retratou a faina da apanha da azeitona e as fases por que passa até à produção do dourado azeite. Terminado o vídeo, foram postas em funcionamento as máquinas, a seco, para objectivar melhor a fabricação do azeite. À saída, tivemos oportunidade de provar a qualidade do azeite ali produzido e de ver expositores com produtos e materiais relacionados com a produção de mel. O mel é uma das maiores riquezas da região. Quem quis, pôde trazer o dou-

rado doce para alegrar a mesa. Esta visita foi oferecida pela Cooperativa Social de Vila Nova do Ceira.

Almoçámos, como planeado, na praia fluvial. Foi um dos momentos de partilha, não só dos farnéis, como de uma sã e alegre convivência. Houve quem não resistisse ao impulso de se refrescar nas águas do Ceira antes da refeição.

O tempo para almoçar passou a correr, porque a Missa estava marcada para as 15 horas.

A comunidade paroquial acolheu um novo pároco, nesse dia. Também nós fomos bem acolhidos. Tivemos oportunidade de nos darmos a conhecer, de justificarmos a nossa presença e de, num pequeno texto, revelarmos um pouco de Pai Américo. Quisemos informar, particularmente as gerações mais novas, de que por montes e vales de Vila Nova do Ceira andaram os Garotos da Baixa de Coimbra, em Colónias de Campo, organizadas por Pai Américo nos anos de 1937 e 1938.

Terminada a celebração da Missa

dominical, dirigimo-nos para a Casa da Costeira, acompanhados da população que se quis associar a nós e de quase toda a Direcção da Cooperativa, para descerrar a singela placa comemorativa da passagem de Pai Américo, bem como da nossa presença naquele dia.

Visitámos a velha Casa da Costeira e deram-nos a agradável informação de que a mesma vai, brevemente, entrar em obras de restauro e recuperação.

Agradecemos a colaboração da Junta de Freguesia e particularmente à Direcção da Cooperativa, que desde o primeiro momento mostrou o maior interesse em colaborar.

Tivemos oportunidade de conversar com a senhora professora D. Mariazinha, que teve a felicidade de conviver com o nosso Pai Américo.

Terminada a cerimónia do descerramento da placa, voltámos à praia fluvial, onde expusemos novamente as mesas e continuámos o convívio até ao fim do dia. Foi um dia que deixará boas recordações. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES — Iniciámos o processo de reparação das Casas do Património dos Pobres que mais disso precisam.

Começámos por situações onde as obras são de menor monta e/ou que estão em processo de mudança para novo morador. Iremos dando notícia à medida que o processo for avançando.

NOVO PRESIDENTE — Chegado o termo do mandato do Presidente da Mesa da nossa Conferência, procedeu-se à eleição de um novo Presidente que, por vontade expressa do Presidente cessante, teria que ser outro membro da Conferência. Foi

eleito Manuel Carlos Ferreira da Mota, Vicentino com letra grande e de longa data.

Sem desprimor para nenhum dos outros membros da nossa Conferência, foi uma escolha sábia pela dedicação e bom senso que sempre têm caracterizado a actividade deste nosso Vicentino.

Que Deus o ajude nas suas novas funções que, certamente, irá exercer com essa dedicação e bom senso que o caracterizam.

P. S.: Já são horas de dar conta dos vossos contributos na rubrica "Partilha", mas fica para a próxima. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Distinções

GOSTO de realçar o prazer que alguns rapazes me proporcionam, a mim mais a quem comigo colabora.

O facto de serem gaiatos e postos no pódio de honra de uma Escola, é gozo que pertence também aos nossos Amigos e, por isso, aqui vai.

Eu perdi os convites. Não vou, por isso, usar os mesmos termos. Não fui à sessão solene e os rapazes também não.

É a Escola D. Manuel Martins, frequentada por muitos rapazes desta Casa, no décimo-primeiro e décimo-segundo anos. A convocatória era formulada em termos muito elogiosos ao Patrício e ao Zé Columbano, ambos do décimo-segundo ano, a quem a Direcção da Escola distinguiu, apresentando-os a outros alunos como modelos a seguir no comportamento e no aproveitamento.

Esta Casa que é suportada, quase integralmente, pela ajuda dos Amigos, não só se sente honrada como devedora de dar conhecimento destes gestos a quem nos apoia, para que se alegrem connosco.

Patrício é, há dois anos, chefe-maior aqui em Casa. A sua distinção na Escola traz-lhe mais autoridade e também mais responsabilidade. É preciso confirmar no dia-a-dia a confiança e o jubilo que a todos inunda.

Não me chames vaidoso por assim falar dos Rapazes que vou fazendo. Não. Os acontecimentos tristes ficam dentro de Casa, como é próprio das famílias. Cada um engole os seus dramas. Não vêm cá para fora! Mas estes, sim, apesar de proclamarmos continuamente que *não há rapazes maus*, quanta gente cria p'raí, preconceitos e sistemas para se libertar dos Rapazes sem família. Quantas? Mais ainda, quantos vivem disso em estabelecimentos oficiais, onde tudo é técnica e sigilo?!

MALANJE

Padre Rafael

Continuação da página 1

Depois de conversarmos com ela e com o INAC (Instituto Nacional da Criança) para confirmar toda a informação, dirigimo-nos à DEFA para tratar do passaporte. Ficámos impressionados com a quantidade de burocracia e documentos necessários para mandar a menina à Alemanha.

Ontem, conhecemos a pequenita, que agora tem 5 anos. O rosto está completamente desfigurado — apenas tem os orifícios do nariz. Falta-lhe a mão esquerda e na direita tem quatro dedos somente com metade das falanges. Ao vê-la, não demorei

em dar-lhe um beijo, segurar na sua mão e levá-la ao hospital para conseguirmos um diagnóstico médico onde se ateste a necessidade de a levar para fora do País, firmada pelo director do hospital. Depois, o INAC nos dará um documento que, junto a um outro nosso, nos darão a possibilidade de conseguir o passaporte. Esta primeira parte do processo nos demorará menos de um mês...

Esta semana vamos ter reunião de chefes e o tema a tratar é a economia. Prosseguimos empenhados em fortalecer as nossas áreas de trabalho, para conseguirmos, mensalmente, cobrir todos os gastos. Para eles, se faz um resumo das contas

do mês onde aparecem as entradas, as saídas e o dinheiro que nos resta. É muito importante a transparência em questões económicas e, em nossas Casas familiares, os filhos têm de tomar consciência destas questões, quando atingem uma certa idade.

De momento, a nossa Casa gasta cerca de dezoito mil euros, mensalmente, e produz cerca de quinze mil. São as ajudas das nossas Casas irmãs, de Portugal, e dos nossos benfeitores que nos permitem sair à tona em cada mês. Mas, como dizia Pai Américo: «Ai da nossa Obra quando os padres deixarem de mendigar...». □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

Estão aí a fazer-se prédios em que um apartamento custa milhão e meio de dólares.

Os nossos, que já trabalham, só longe da cidade de Maputo e Matola arranjam um pequeno lote de terreno para fazer um quarto e sala; se há água onde liguem, um banheiro. E não lhes chega o salário para alugar quarto, comer uma refeição à noite e transporte para o trabalho. Se estudam à noite na Universidade, as propinas e alugar de *internet*, porque os professores não têm livros nem há na biblioteca, temos de socorrê-los. Mas eles são cinquenta e seis!

É através de mil dificuldades que se constrói a vida dos homens de amanhã.

Sentimos profundamente que, neste País, saiam milhares por ano

dos Institutos Profissionais e Universidades que não têm trabalho. Para os proteger, as leis laborais são severas, expulsando estrangeiros, que ultrapassam os dez por cento, ou ilegais, vindos de países vizinhos ou distantes à procura de sobreviver. Como acontece tragicamente aos da África do Norte que chegam às praias da Europa ou naufragam às centenas na agitação do mar ou em barcaças sobrecarregadas. É um pesadelo muito seme-

lhante ao que acontecia no tempo da escravatura. Levados à força, para gerar riqueza fácil, mas iníqua; estes, pela força das circunstâncias, para sobreviver, fugindo à iniquidade sôfrega da riqueza que tomou conta das suas terras. Onde vai parar o mundo longe de Deus?

Não temos nada para pagar os salários de Setembro a quem trabalha para esta Casa.

A nossa conta no BCI tem o NIB 000800000600459210180. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Ele há-de vir tempo, e já cá anda, em que as leis darão lugar a outras leis, como logicamente exige o sangue que se tem feito.

in «O GAIATO», N.º 1, 5-III-1944

VINDE VER!

Padre Quim

Actos de bondade

DAS aflições de que a nossa vida é necessariamente feita, as atitudes comportamentais do Rapaz tem o primeiro lugar reservado, para que tudo em volta de si encontre as disposições de crescimento harmonioso dentro do equilíbrio e da inquietação próprias das idades. E quando por irresponsabilidade venha a abandonar o seu lugar conveniente, perde por direito o que lhe era pertença. Dois dos nossos, na casa dos dezoito anos, perderam a oportunidade de poder continuar a estudar nesta parte final do ano, por terem abandonado a Escola em troca dos atrativos da rua, mal que se lhes pegou desde a infância e é difícil de sarar. É uma lição que nos foi dada. Quando a Escola não pode ou eles não podem com a Escola a solução é encaminhá-los para algo prático que lhes seja valioso amanhã. É nas oficinas onde os dois estão a tentar encontrar o melhor proveito. A força de vontade comanda os nossos actos. O querer e o agir em simultâneo.

O Venâncio tem gosto pelos animais, é ele que limpa as pocilgas. E quer ser visitado na sua obrigação como sinal positivo de que o faz com brio e exemplar responsabilidade. O rapaz não esconde nada, sabe o que é uma falta. E sabe, desde a catequese, que Adão e Eva só se esconderam de Deus e se descobriram miseráveis, depois da desobediência ao saltar a corda. Desde que o Rapaz da rua entra para a nossa Casa, tem o melhor... para ser forte moral e fisicamente. Que ninguém jamais venha a enganá-lo, que ele bem sabe quando isso lhe vier a suceder.

Entre o bem e o mal há um grande abismo que não se pode transpor. Entre a justiça e a verdade, e os seus correspondentes opostos, outra distância espantosa.

No Evangelho, Lázaro, já consolado no seio de Abraão, goza as alegrias prometidas aos pobres e humildes de coração. Pois serão saciados de bens e encontrarão descanso para as suas almas. O rico, deitado no seu leito de marfim, dado aos seus sucessivos banquetes e despreocupado com a causa dos mais carentes à sua volta, nem direito a um nome sequer teve. A falta de justiça para com o necessitado, é uma forma de violência social encoberta e defendida pelo individualismo. É a inversão de marcha no comboio da existência humana, indiferente à sorte dos mais pobres. Os Lázarus, às portas dos grandes deste mundo, são de ontem e de hoje, sujos e famintos, desejando migalhas. A sociedade bem procura meios de se ver livre deles. «*Pobres sempre os tereis convosco*». Preceito divino! Não se foge àquilo que faz parte da vida de milhares de pessoas no planeta. E se de loucos vier a ser este mundo, que não venha a eliminar os pobres com políticas maquinadas em cimeiras e fóruns de exclusão social, com o pretexto da falhada tentativa de eliminar a pobreza. Chegam notícias de que por se querer testar quem é o mais forte entre os fracos, entrou em disputa uma tal bomba de destruição massiva. Oh, predador não vês que a presa é o teu próximo! A quem recusaste chamar irmão e dar as mãos para o auxiliar?

No Domingo, quando me dirigia à Capela para celebra a Eucaristia, veio ao meu encontro um casal muito religioso vindo da Austrália, e a primeira coisa foi procurar um lugar para louvar o Criador. Gesto que fizeram connosco. No fim ofereceram-nos a sagrada face de Cristo e pediram que ficasse dentro da capela num altar à parte. Na hora de rezar as vésperas, pedi ao José Afonso, um rapaz que muito tem sofrido de ataques de epilepsia, que trouxesse um ramo de flores para Nossa Senhora, um e outro e mais outro, ele ficou contente, sentou-se ao meu lado e perguntou-me se Jesus também estava contente. «Ora, muito contente está Jesus não só pelas flores que recebeu de ti, mas, sobretudo, por estares aqui. Tu és a flor de Jesus!» O rapaz pouco compreendeu, mas sorriu, enquanto olhava para o presente que dera ao Criador. A violência dos ataques que tem sofrido, fizeram dele um rapaz simples e, de tempo em tempo, tem vindo a regredir quanto ao conhecimento das coisas básicas, como o ABC. Apenas um gesto de bondade vale para transformar as dificuldades que vivemos em força para lutar. Não há outra maneira para subir os degraus silenciosos das grandes deficiências humanas, se faltar a Caridade. Pai Américo diria a propósito, *não há outra fonte para compendiar o rendimento social da educação do rapaz pelo rapaz*. □

D. António Marcelino

FALECEU o Sr. D. António Marcelino, Bispo Emérito de Aveiro. Ainda jovem seminarista conheceu Pai Américo que, pela sua vida e Obra, o manteve sempre atento e interessado.

Nos últimos anos da sua vida permaneceu muito perto de nós, acompanhando-nos nas preocupações e necessidades fazendo presente a nossa Obra na Conferência Episcopal.

Os frutos do Concílio Vaticano II alimentavam e pautavam a sua acção, que sentia já postos em prática na vida de Pai Américo, facilmente percebendo nele um seu precursor.

Sempre ficará no coração da nossa Obra como uma voz da Igreja vivamente interessada pela fraternidade e especial atenção aos Pobres, seus preferidos. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Centelha de esperança

O drama do mal, na história humana, interpela profundamente a fé dos crentes e desassossega o pensamento de toda a pessoa que vem ao mundo. É muito natural qualquer lamentação, como esta de Habacuc, que não se calou perante a dor inocente e a injustiça que afligia a sua terra: *Até quando, Senhor, pedirei socorro, sem que me escutes? Porque me fazes ver a iniquidade e contemplar a desgraça?* Estas súplicas que tantas bocas gritam, transparecem desalento e incapacidade perante as mágoas; porém, também são expressões de confiança, mesmo que trémula e paciente, apesar das dimensões dos males.

Enquanto agarrámos este queixume profético, também a noite se fechava, sem algumas respostas, diante de sinais inquietantes deste tempo. Nestes dias recentes, nossos olhos se obrigaram a pousar numa imagem dolorosa, entre outras sangrentas, de um campo de refugiados sírios, em Zaatari, na Jordânia, onde se amontoam cerca de 120 mil refugiados. E, ainda, em mais de 300 emigrantes clandestinos que pereceram no mar, ao sul de Itália. *Uma vergonha*, dito pelo Papa Francisco. Diante do desespero de tantas pessoas, nestas tragédias, não pode haver indiferença. A voz e acção da Igreja e a Palavra de Deus são certas. *O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas.*

Quando nos é dado percorrer

periferias e encontrar e estar com simples, percebemos melhor o centro nevrálgico de algumas questões e mais indigentes nos tornamos. Outubro abriu assim a doer: — *Estou com fome. Ajude-me, Padre, pelo amor de Deus. Não posso esconder. Não tenho ninguém.*

Como a consciência não podia adormecer, na escuridão daquela noite, depois dos primeiros lampejos de Sol e de compartilhar umas dezenas de malgadas de leite fumegante, em boquitas de maioria africana, tornava-se emergente um encontro pessoal com aquela mãe débil e escondida. Nas moradas dos pobres há luzes do Corpo e da casa de Deus. Vimos um modesto cubículo e atestámos que estava ali um tesouro real: um filhinho sumido, num colo meigo e seguro. Príncipe e pobre! O sorriso de ambos foi uma chispa de esperança!

Como não podemos chegar longe, nesta aldeia global, e vencer e convencer os senhores das guerras e do petróleo, há que dizer ao Onnipotente que lhes abra as consciências. E nos ajude, nos itinerários do quotidiano, a ter os olhos e os ouvidos bem despertos para os rostos e corpos de Cristo crucificado. Quando são frágeis, corre-se mais o risco de os pisar. Os cachos maduros, depois das vindimas, é que são esmagados e chegam a ser elevados em memória do Senhor!

Naquela noite cerrada, de alguma revolta interior perante tais

atentados à dignidade humana, levantou-se na atmosfera forte ventania que foi deitando por terra carradas de nozes, de árvores frondosas, e que vão fazendo as delícias de cachopitos afoitos. Em tempos extraescolares e nesta época outonal, eles orientam-se e deliram a catá-las e a rachá-las com rebos, pois as cascas são mesmo duras e inimigas de dentitos de leite. Pôr ordem naquela recolha teve de passar por destacar sete tarefeiros e assim ensiná-los a apanhar os frutos caídos para um cesto comum. Ninguém deve crescer sozinho e há que aprender a viver em comunidade. Naquela húmida manhã de sábado, enquanto eles se abrigavam da morrinha, saborearam com gosto tais sementes comestíveis e benéficas. Resposta pronta da tropa fandanga: — *As nozes estão sempre a cair e não as queremos pisar...* Nessa luta titânica, não era a força do mal que vencia, mas, afinal, a força da gravidade. Foi uma situação espontânea e também uma lição de Física prática. Ao vergarem-se no chão para não se perderem tantos frutos, não se queixaram das costas, pois ainda são pequenotes. Custa-nos é ver gente crescida de costas ao alto...

Na balança que só o Todo Poderoso conhece totalmente, é de crer que se agiganta a grandeza de tanto bem, do Sumo Bem, em incontáveis gotas de orvalho amoroso que correm permanentemente para o oceano. Há outro mar, de vales de lágrimas, que podemos ajudar a enxugar. Pena foi que as chuvas não viessem no estio... Ninguém é senhor de nada nem do tempo. Contudo, repousa-se tranquilo quando a consciência pessoal está em paz. Paz e bem! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Corações comprometidos

ONTEM, houve o encontro com os pais e encarregados de educação dos filhos que frequentam a Escola da nossa Casa do Gaiato de Benguela. É um momento muito importante para o serviço educativo das crianças. A maioria absoluta é constituída por crianças dos bairros pobres. A Família e a Escola devem caminhar muito unidas pelo sentido da responsabilidade mútua na formação equilibrada dos filhos. A escola sem o apoio da família, não pode cumprir o seu ideal. A família sem a escola não prepara os filhos para a vida normal na sociedade. No projecto educativo da Casa do Gaiato a escola e o refeitório são irmãos gémeos. A mesa fornece o alimento ao estômago. A escola é o refeitório da inteligência. Temos, pois, aqui presentes, as duas dimensões essenciais da pessoa humana. Por isso, o encontro da família, nas pessoas dos pais ou encarregados de educação, com a escola, é duma importância muito grande. Estes encontros devem ser um exercício do amor responsável. A escola e a família são um espaço privilegiado para a educação. E não há educação autêntica sem o amor. Não basta a técnica. Esta é, sem dúvida, muito importante. A alma, porém, é o verdadeiro amor. Nestes encontros, há uma chamada de atenção, com a linguagem adequada, para a responsabilidade mútua da família e da escola no processo educativo dos filhos, em ordem a prepará-los para uma sociedade sempre renovada. Quem dera esta visão esteja sempre presente na dinâmica educativa da Escola e da Família.

Há, sem dúvida, limitações grandes, específicas, da parte de muitas famílias. Nos bairros mais pobres, sobretudo, onde as habitações são precárias, sem o mínimo de condições, o acompanhamento dos filhos, a nível de preparação das aulas, é muito difícil. Só com muito amor e um sentido elevado de responsabilidade. Acontece, infelizmente, que muitas crianças estão abandonadas pelos pais, entregues à responsabilidade doutras pessoas que ocupam o dia em actividades, fora de casa, na busca de meios para a sua sobrevivência. São problemas sérios cuja solução implica maior compromisso das pessoas mais ligadas a estas crianças. Por isso, estes encontros são imprescindíveis. As dificuldades ambientais, acima referidas, manifestam-se no aproveitamento deficitário dum número grande de alunos. Que pena! Sentimos tanto mais dor, quanto maior foi o empenho na construção de instalações dignas de serem apresentadas em qualquer parte do mundo. É uma maravilha posta à disposição dos mais ou menos necessitados, no meio social, onde vivemos. A Casa do Gaiato de Benguela quer ajudar a preparar homens válidos para uma sociedade nova. Quem dera se cumpra este projecto, sem esmorecimento, apesar das realidades envolventes.

Fui interrompido por alguns momentos. Desci, até à porta da entrada para atender duas jovens com um problema muito grave. Qual? Encontraram, na rua, duas crianças de 11 anos, que chamaram a sua atenção. Não puderam ficar indiferentes e, por isso, vieram prontamente ter connosco. Esses filhos ficaram sem a mãe que morreu. O pai abandonou-os e não sabem onde está. Não estão registados nem frequentam a Escola. Moram na rua, onde dormem. Nem sequer sabem onde nasceram. Perante esta situação, que é muito comum, infelizmente, estas duas jovens, cheias de compaixão, vieram pedir acolhimento para eles, na Casa do Gaiato de Benguela. É, sem dúvida, um momento muito difícil, pela falta de lugar normal. Contudo, a decisão final vai ser tomada quando, amanhã, fizer a deslocação ao lugar onde se encontram. Pelas indicações recebidas, estes filhos são da nossa marca. Constituem multidão, dispersa pela nossa querida Angola. O nosso ideal é ajudar estes rapazes a serem homens. É preciso cortá-los a trajectória da Penitenciária. Ajudá-los a ser pesos vivos na sociedade. Quem nos dera! Que o coração de cada um de vós se sinta comprometido com estas vítimas inocentes.

Sim, com certeza são mais vítimas do que réus. Estes, por certo, desapareceram. Veremos o que é possível fazer para os salvar. Quanto mais comprometidos, com o nosso coração a partilhar o que temos e somos com os necessitados, mais ricos humanamente seremos. Vivamos esta experiência como argumento determinante da nossa decisão. □

QUERO SER UM HOMEM BOM...

Padre João

AGORA mesmo, a meio da manhã, um grupo dos pequenos da Escola anda a brincar ao “bugalho”. Nada mais natural para quem é criança. A chuva amoleceu a terra e os últimos dias, cá para estas bandas do Sado, trouxeram um sol de outono ameno e radioso; tudo a apelar à brincadeira e ao dito jogo... Não fora o facto de estarem com aulas a “meio gás”. De facto, a professora que veio este ano, logo adoeceu e “meteu” atestado. “Sacada” pela arte compaginada dos computadores, lá teve de deixar o “seu” Alentejo profundo num regresso que não se vislumbra breve. Coisas do sistema, vá lá a gente entender...!

Enquanto vou observando a garotada descontraída, porque o futuro ainda não é amanhã nem se sabe quando; nem isso os preocupa, logicamente, pergunto ao Jade Nelson, um petiz fino e de fácil relação: «Que queres ser um dia?» — pergunta de adulto da “praxe”. A resposta não se fez esperar: «Um homem bom...» Nem mais, concluí eu. E dali me fui ruminando na resposta pronta e cheia de esperança saída da boca do nosso Rapaz: «Um homem bom...»

Claro que a Escola e o sistema que a sustenta, assim, não irá satisfazer as expectativas do Rapaz. Sabemos que a bondade não é uma soma de emoções mais ou menos positivas, mas o fruto amadurecido de escolhas iluminadas por uma consciência recta e solidária. Ora, isso, são aquisições dos “bancos” da escola e padrões que não passam de moda.

Prevemos também que a “história” dos Mega agrupamentos não tenham em vista senão a pou-

pança de meios humanos e financeiros nos tempos em que vivemos sufocados pela “crise”. Estamos cada vez mais longe de uma educação de proximidade, familiar, sem “bugalhos” nem “papagaios” ao vento, sem espaço nem tempo; apenas reduzidos ao nosso “eu”, às nossas pressas e às nossas contas. O desejo do “homem bom” que este Rapaz e tantos outros ainda sonham ser, pode ficar irremediavelmente comprometido. Esperemos que algo mude.

Vamos ajudar este Rapaz a cumprir o seu sonho: «Quero ser um homem bom!» Este foi também o sonho do Padre Américo, esse incomparável educador e modelo de educadores, cuja “cartilha” fariam muito bem ler a certos “encartolados” da nossa praça política e pedagógica. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

dificuldades... *ao menos a renda da casa*, acentuava.

A gente fica trucidado! Tantas pessoas assim!?

Como foi possível chegar a um estado destes? Não haver trabalho é já uma tragédia. Será que os governantes, ao pedirem dinheiro emprestado ao estrangeiro, não sabiam que o pagamento e os juros viriam

a cair sobre a Nação, mais dia, menos dia? Não sabiam? Parece terem posto a cabeça debaixo da areia locupletando-se impunemente a si próprios e aos seus camaradas, deixando os Pobres numa tristeza destas: multidões sem trabalho e, pior ainda, sem capacidade de reagir!

Diante destes espectáculos vários sentimentos me dominam, o da compaixão pelos infelizes, o da fortaleza para que reajamos procurando, sem esmorecimento,

qualquer ganha pão, e o da revolta pela injustiça conscientemente criada, sendo os mais indefesos e frágeis as maiores vítimas que agora me caem no colo, no meu e no de muitos homens e mulheres doridos.

Não sabemos como foi, mas verifico, várias vezes ao dia, que o sofrimento é vasto. Quantas tragédias, sim, digo bem, tragédias, eu ouço diariamente!

Deus sabe. □